

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

MILTON GURAN - Estamos no dia 26 de setembro de 1995, em Abomé Calavi, com o senhor Jean Vieyra, vulgo Joãozinho. Como o senhor diz?

PAPA JOÃOZINHO VIEYRA - Joãozinho.

MG - O chefe da família Vieyra, em presença do Sr. Alfred Vieyra. Bom, Papa Joãozinho, então o senhor nasceu em 1917, filho do Sr. Sébastien Vieyra, que era também filho de Sabino Vieyra, que era o fundador da família.

JV - Sim.

MG - Muito bem, a mãe do senhor, ela... O senhor falava em que língua com ela?

JV - Com minha mãe? Ela é daqui.

MG - De Abomé. O senhor fala fom?

JV - Sim, o fom. É isso.

MG - E o senhor tem quantos irmãos e irmãs? O senhor se lembra?

JV - Sim, eu tenho duas irmãs, que minha mãe colocou no mundo, duas meninas e dois meninos. Agora, tem ainda uma mulher e um homem, que sou eu.

MG - O senhor é o mais velho, o Benjamin.

JV - Sim, do meu pai.

MG - Do pai do senhor.

JV - De meu pai Sebastiano.

MG - O senhor lembra bem do seu pai?

JV - Sim.

MG - O senhor me disse que ele tinha a pele clara, um pouco clara.

JV - Um pouco clara.

MG - E você vê imediatamente que é um estrangeiro.

JV - É isso, eles deixaram Uidá. Foi De Souza que os enviou aqui.

MG - O seu pai.

JV - Todos. Tem...

MG - Mesmo o Sabino?

JV - Não, Martin e Justino, com Iaiá. Quando os dois homens deixaram [Uidá], as duas irmãs mais velhas os seguiram. Eles disseram, tem um lado do país, mas as pessoas não são tão sérias. Mas tem comércio lá, eles vão fazer comércio. De Souza disse a eles que tinha brasileiros, portugueses, que queriam alguém de inteligente, para enviá-los fazer comércio. Então, assim, fizeram desembarcar as coisas lá. Tem um álcool que se chama, coisa, *Anco*. É um pouco forte, quê.

MG - É um tipo de *Sodabi*.

JV - Sim, uma espécie de *Sodabi*, que é forte, que vão enviá-los e eles vão vender isso para as pessoas do país. E quando eles vieram, tem um chefe do vilarejo que veio da Nigéria. Todos eles estão na floresta<sup>1</sup>. Eles passaram por um pequeno vilarejo lá, que chamamos de Godomey. Tem alguém que os reis colocaram lá, que chamamos de Nobimé. Eles foram vê-los. As pessoas que o De Souza mandou para dizer que esse homem aí, eles são estrangeiros, eles vieram fazer comércio. Vão confiá-los ao senhor De Souza. Quando eles vieram para Godomey... Bom, os levaram para ver Nobimé. Nombrimé<sup>2</sup>, depois, ele, ele pegou as pessoas com ele para dizer: “Levem eles para Calavi, junto ao chefe do vilarejo”. Eles foram enviados por De Souza para Uidá. Foi para fazer comércio que eles quiseram ficar aqui. E quando eles vieram, eles foram ver Dogo, que os recebeu, como ele viu que eles eram estrangeiros, ele os recebeu bem. E ele chamou todos os aldeões que estavam lá, para que eles viessem vê-los<sup>3</sup>. Ele lhes disse: “Aí estão os estrangeiros que vêm aqui, entre vocês. Eles vão ficar aqui e serão, de um dia para o outro, a luz do país de vocês. Que nada os faça mal, hein! Que eles escutem bem, que eles tenham cuidado. E aquilo que eles fazem aqui, que aqueles lá não são daqui, de protegê-los a todo ponto de vista, de tudo”. Ele lhes aconselhou. Assim, ele disse: “Como você é nosso chefe aqui, nós vamos respeitar suas palavras e ordens”. Finalmente, eles estavam aqui todas as manhãs. Daga<sup>4</sup> enviou pessoas para ver se os estrangeiros que vieram estavam bem colocados, se não havia aborrecimentos para eles, se alguém queria o mal deles, que lhe avisassem. Ele disse: “Não, agora é aqui que eles vão ficar”. Ele chamou as pessoas que estavam lá e ele mostrou a eles que, é isso, um estrangeiro veio, vocês vão fazer tudo para lhes dar lá onde eles querem ficar e construir. É por isso que nós temos um sobrado lá.

MG - Eles construíram lá, então era um Martin.

JV - Martin.

MG - Que construiu isso com Sébastien.

---

<sup>1</sup> O entrevistado confunde os tempos verbais ao longo da entrevista.

<sup>2</sup> O nome muda de Nobimé para Nombrimé.

<sup>3</sup> O entrevistado usa o singular, mas fala dos dois irmãos, de modo que foi feita a concordância na tradução.

<sup>4</sup> Daga ou Dogo?

JV - Não, Sébastien é o irmão dele, foi Martin.

Outra pessoa: Foi Justin.

JV - Não, não foi Justin. Não foi Justin que construiu.

Outra pessoa: Foi bem o Justin.

JV - Eu te disse que foi Martin. Ele não terminou e foi Justin que acabou. Foi Justin que acabou, o pai dele já estava morto. Iaiá disse para Justin: “Bem, seu pai está morto. Bom, você será o gerente para terminar a casa”. Esta aí como se passou. Ele é uma coisa pequena. ???<sup>5</sup> Quando Martin ia para a escola, o deixavam aqui para dizer: “Faça seus estudos aqui, para não cair [no mau caminho]”. Iaiá disse: “Bom, fique aqui, e um dia, quando eu estarei cansada, virei ficar [aqui também]”.

MG - Então eles vieram: Justino, Sebastiano, Martin e Iaiá.

JV - Hein? Foram os três que vieram.

MG - O mais velho era Iaiá, depois de Iaiá, Martin, depois de Martin era o Justino.

JV - Depois do Martin, Sebastiano. Justino é o sobrinho de Sebastiano.

MG - Ah, o sobrinho de Sebastiano. Então, o senhor diz que Martin começou a casa e que Justino acabou a casa. É isso. De qualquer forma, a casa é dessa época aí. Não foi Sabino que a construiu.

JV - Não, não.

MG - Sabino ficou sempre em Uidá.

JV - Sim, sempre em Uidá.

MG - Sempre em Uidá.

JV - Sim.

MG - Bom, nessa época aí, De Souza era ainda Dom Francisco Félix.

JV - Sim.

MG - Chacha I.

JV - Sim, é isso.

MG - Era por volta de 1850 por aí. 40 e alguma coisa, 50.

JV - É a época. Pois que nós não conhecemos.

---

<sup>5</sup> Pontos de interrogação do manuscrito.

MG - Nós vamos fazer a conta, porque era um pouco mais tarde isso. Então, eles vieram aqui para fazer comércio. E que tipo de comércio? O senhor se lembra? Cachaça muito forte?

JV - Bom, com tabaco.

MG - Com tabaco. E como se chamava a cachaça, a bebida alcoólica?

JV - A coisa lá, *Anco*.

MG - *Anco*.

JV - Eles exportavam igualmente sementes de palma.

MG - Que produz o óleo de palma.

JV - Do óleo de palma, sementes de palma<sup>6</sup>.

MG - Sementes de palma.

JV - Quando Martin começou aqui, ele disse ao irmão dele, e ao meu pai, Sebastiano, que ele também [ia] faz[er] alguma coisa. E ele constrói como ele, você vê edifícios que, quando Sebastiano trabalha, ele repara como que faz<sup>7</sup>. Quando ele recebe dinheiro, ele dá para o irmão mais velho. Depois, eles combinam e o irmão mais velho lhe diz: “Bom, como minha casa está quase terminada e, está aí, eu não me comporto muito bem, e tu também precisas começar aqui. É preciso falar às pessoas da aldeia, é preciso falar para eles buscarem uma parte aqui para que tu comeces a construir como eu, para que seja a casa do irmão mais velho e a casa do seu irmão mais novo”. O sobrado é do outro lado.

MG - Ele ainda está lá?

JV - Ele está lá.

MG - Está de pé?

JV - Está de pé.

MG - Podemos visitá-lo um dia.

JV - Sim. Esta aí como os dois construíram.

MG - E o sobrado de Sebastiano, é bonito como esse?

JV - Quase.

MG - As decorações.

---

<sup>6</sup> A palavra em francês é palmiste, que, de acordo com o contexto, pode ser traduzida como palma, palmito, noz de palmito, semente de palmito.

<sup>7</sup> O entrevistado não fala um francês muito correto, atropelando concordâncias, tempos verbais, e confundindo um pouco as frases; esse trecho é um exemplo.

JV - As decorações aí, as decorações, nós colocamos isso que é na origem mesmo da coisa, da família Vieyra. E foi aí que nós as expusemos. Está na casa do irmão mais velho.

MG - Não, não, a decoração que eu digo é sobre o muro, aí, em volta da janela, tudo isso.

JV - Ah, sim! Ah, isso difere um pouco...

MG - Isso difere um pouco. Um dia eu vou ver a casa. Diga-me uma coisa Papa Joãozinho, quando o senhor era pequeno, a casa estava lá?

JV - Sim.

MG - Ela era novinha.

JV - Novinha.

MG - O senhor se lembra da obra?

JV - Sim.

MG - Ela já estava pronta.

JV - Ela já estava pronta. E até alugaram ela para europeus, casa de comércio ficaram ali. São casas de comércio que eu conheci.

MG - Então, essa casa aí é talvez do século passado.

JV - Sim.

MG - De 1800.

JV - Aí está, é isso.

MG - Alguma coisa, porque, bom, Sebastiano é de 1840, 50 e alguma coisa. Então, se ele veio aqui para fazer comércio, ele tinha já 20 anos, no mínimo, com seu irmão. Ele veio em 1870, 75, não? Mais ou menos. Então, a casa já é centenária. E o pai do senhor, Sebastiano, ele fazia comércio de tabaco?

JV - Sim.

MG - Toda a sua vida?

JV - Sim.

MG - Era isso o que ele fazia. E Sabino, o que ele fazia?

JV - Sabino ficou em Uidá, ele não ficou aqui.

MG - E o senhor não sabe como ele fazia o comercio lá?

JV - Ah, pois que eu não tinha nascido para saber.

MG - Mas às vezes a gente ouve dizer e tudo isso.

JV - Pois que ele estava todo o tempo com De Souza, Francisco, o I.

MG - ???<sup>8</sup> Ele chegou em 30, 35, por aí, no máximo, não? Era a época, Chachá estava ???<sup>9</sup>

JV - Isso.

MG - Diga-me uma coisa, na família do senhor tem louvores?

JV - Louvores.

MG - O senhor sabe o que são os louvores?

JV - Ah, como eu vou explicar isso para o senhor, agora? Sim, dizemos: “você que vieram do outro lado do mar, você que são europeus, os primeiros europeus que vieram fazer comércio na África”. Dizemos isso:

*Obi unja*

*Omon élèjponda*

*Omon è akoyayo*

*Equilomon atouloko*<sup>10</sup>

Eu me confundi aí.

MG - Não tem problema, recomeçamos, recomeçamos.

JV - Recomeçamos:

*Obi unja*

*Omon lokponda*

*Omon è akoyayo*

MG - É isso.

JV - É isso.

MG- E esse louvor aqui, o senhor conhecia isso?

JV - Eu conheço.

---

<sup>8</sup> Pontos de interrogação do manuscrito.

<sup>9</sup>Idem.

<sup>10</sup> O louvor foi destacado com um traço vertical.

MG - Isso se diz hoje?

JV - Sim, isso se diz hoje.

MG - Em que ocasião que dizemos isso hoje?

JV - Em situação de festa, em situação de cerimônia fúnebre também.

MG - Isso, quando tem uma tristeza, uma morte, as pessoas vêm visitar as famílias aliadas e outras famílias brasileiras que conhecem o louvor. Eles se apresentam ao Papa Joãozinho e dizem os louvores.

JV - É isso.

MG - Mas eles dizem o louvor para Papa ou a você e também a todos os Vieyra?

JV - Sim, a todos os outros Vieyra.

MG - E os Vieyra, quando eles falam a outro Vieyra, eles não fazem essa saudação?

JV - Ele faz igualmente a saudação.

MG - Ele faz igualmente a saudação? Por exemplo, quando você reencontra Papa e ele está contente, você sai essa saudação, por.....<sup>11</sup> E Papa também diz, tu que vieste, veio de lá, te comportes bem. E o louvor é sempre em nagô.

JV - Sim, sempre em nagô.

MG - Então, o louvor dos Vieyra é em nagô? São sempre esses aí. Muito bem. E Sabino, ele foi escravo no Brasil?

JV - Ah, é isso que nós não sabemos.

MG - Esta aí, isso é que eu acho interessante, é o discurso de Désiré, é ele que assumiu essa posição, eu me disse, é provado, porque Sabino, ele fala assim, hein, talvez Sabino não fosse escravo. Talvez ele fosse filho de escravo, por exemplo.

JV - Sabino, segundo o que sabemos, é escravo. É ele que foi ao Brasil.

MG - Ele partiu da África para o Brasil?

JV - Ele partiu da África para o Brasil.

MG - De onde ele partiu, da África?

JV - Da Nigéria. É ele que chamamos Gouyé.

MG - Gouyé, o que isso quer dizer?

JV - É o nome de autóctone dele, o sobrenome dele.

---

<sup>11</sup> Há vários pontos depois da palavra “por”.

MG - E qual é a cidade, o senhor sabe de que aldeia?

JV - Sim, é Bida.

MG - Ele sai de Bida?

JV - Ele partiu de Bida. Ele deixou Bida para ir ao Brasil. Então, é uma cidade situada ao leste do Nigéria. Sobre o rio Niger.

MG - Ele foi vendido?

JV - Ele foi vendido por seus irmãos, porque ele tinha disputas com eles, eles não gostavam dele.

MG - A história que o senhor me contou.

JV - É isso aí.

MG - Mas eu retomo essa história por causa dos louvores, porque os louvores dizem assim: “Vocês são os primeiros europeus que vieram trá-lá-lá”. Bom, dizem isso não porque ele é europeu, mas porque ele veio com uma cultura europeia. Isso sim. Mas viam imediatamente que Sebastiano era estrangeiro. Ele tinha a pele clara.

JV - É isso.

MG - E os outros irmãos também, temos a impressão de que eles tinham a pele clara. O Dominique, aí, temos a impressão que ele tinha uma cara de índio como se diz. E olho para ele, é o que chamamos no Brasil um ???<sup>12</sup>. Quando olho a foto dele, ele parece um mestiço de branco com índio. Ele não é totalmente, ele não é ???<sup>13</sup>. Eu, minha mãe era negra, sua mãe era iorubá. Isso é certo. Então, de onde é que ele tirou o sangue branco? Do índio, do pai dele.

JV - Do pai dele.

MG - Então, como seu pai tem o sangue branco? Ele deixou a Nigéria para ir ao Brasil, ele não tem seu pai.

JV - Ele não tem os sinais de branco.

MG - Ele não tem. Então, como é que o filho nasceu com a pele clara se o pai não tem a pele clara, se o avô não tem pele clara? Então, avanço uma hipótese de trabalho. Talvez que não era ele, Sabino, que deixou a Nigéria. Talvez tenha sido a mãe ou o pai dele, porque, o que se passa? Eu falo francamente, as mulheres africanas foram para o Brasil, teve a mestiçagem imediatamente com o português, não os portugueses de Portugal, mas os brancos do Brasil, alguém que já é mestiço com índio.

JV - Ah, bom!

---

<sup>12</sup> Pontos de interrogação do manuscrito.

<sup>13</sup> Idem.



MG - Então, os brancos do Brasil, quando dizemos branco, é um mestiço de português com índio, ou alguém que tem já o traço, o sangue índio. Teve a mestiçagem com as mulheres africanas que chegaram. Então ela teve um bebê no Brasil, ele nasceu no Brasil de uma mulher escrava e seu mestre. ???<sup>14</sup> que esse bebê aí é seu filho. E então, ele protege, ele coloca de lado, ele o faz estudar e em um momento de sua vida ele diz: “Esta aí, meu filho, tu crescestes na casa, és um negro um pouco branco, eu quero te ajudar porque tu és meu filho. Eu te dou meu nome, tu vais te chamar Vieyra”.

JV - É isso.

MG - “Pegues aí um pouco de dinheiro e vais fazer tua vida”. Isso que vos digo não é história, é um exercício de reflexão. Porque tem coisas que não colam, por exemplo, a origem nigeriana não cola com o louvor.

JV - É isso.

MG - Porque no louvor não diriam “vocês que são os europeus que vieram fazer comércio aqui”, diriam “vocês que deixaram o vilarejo tal, que atravessaram o mar, que aprenderam coisas, que voltaram”. E não é isso que diz o louvor. E isso também não cola com os traços de índio de Domingos e o fato de que o senhor me diz. O senhor viu o pai do senhor, e o pai de senhor diria imediatamente que ele era um estrangeiro. Então, alguém da Nigéria, não dizem que é um estrangeiro, porque ele é negro igual.

JV - É isso.

MG - Então, não foi ele, Sabino, que deixou a Nigéria. Foi sua mãe. Isso, eu peço que o senhor pesquise ainda, então é com o senhor de fazer isso.

JV - Isso são as explicações de *Omon Olokponda*. *Omon e nakoyayo, omon ele wakpé*. O senhor sabe sua explicação. Em fon é *djètomi as akudo gla gla sim ma han do Aguan me*.

MG - O que isso quer dizer?

JV - He, djèto é... Podemos dizer sociedade de casta, como dizemos casta de ferreiros, casta disso. E os louvamos a partir das profissões que eles fazem. Podemos dizer assim. *Akudo gla gla si ma han do águam me*, que quer dizer “são as pessoas da água”, “as pessoas do mar”. Quer dizer: faça a seca que fizer, eles não ficam sem água, faça a seca que fizer, eles terão sempre saliva na boca. É essa a explicação.

MG - Isso quer dizer “as pessoas bem de vida”, as pessoas que têm dinheiro. E ao mesmo tempo as pessoas que vêm das águas. Talvez as pessoas que vieram do mar. Pode ser pessoas que nasceram na beira do mar, ou as pessoas que nasceram na beira do rio. Então, voltamos ao ponto de partida. O que o senhor recitou foi um louvor.

JV - Sim.

---

<sup>14</sup> Idem.

MG - É o louvor dos Vieyra?

JV - Sim.

MG - O senhor disse que o louvor dos Vieyra era “vocês que atravessaram o mar”. Tem dois louvores para os Vieyra?

JV - É um rosário de louvores.

MG - Têm vários.

JV - Vários.

MG - Então, encadeiam os louvores.

JV - Não conseguimos dizer todos.

MG - Vamos aproveitar que o senhor está aqui, Papa está aqui, o senhor me dirá todos os louvores em nagô, os que o senhor se lembra. Se o senhor conhece, o senhor acrescenta em nagô. Depois vamos fazer a transcrição. Certo?

JV - Sim.

MG - Se o senhor quiser, depois vamos fazer uma tradução desses louvores, em fom, em francês. Porque o senhor fala fom melhor do que francês.

JV - Com certeza.

MG - Porque meu assistente aqui, que se ocupa da transcrição, o Sr. Simplicite, que nos escuta, ele fala fom.

JV - É isso.

MG - Então, eu vou pedir a ele um pequeno serviço de tradução. Então, vamos ver os louvores em nagô, fom e francês. Então, Papa Joãozinho, o senhor começa, eu vos escuto. Os louvores que o senhor tem lembrança, em nagô.

JV - É isso que eu tinha dito agora pouco:

*Obi undja*

*Omon olokponda*

*Omon è akoyayo.*

MG - Outros louvores.

JV - *Djeto mi sa*

*Akundo glagla sin ma han do Aguan me.*

É isso que eu lembro. E acho que é isso que todo mundo repete. É isso que todo mundo diz.

MG - Então, o senhor repete em fom. Pode ser?

JV - Em fom foi o que eu disse por último.

MG - Sim, o último o senhor disse e o primeiro [é] em fom.

JV - É a continuação, quê.

MG - Desculpe-me porque eu não conheço as línguas. Então, o senhor me falou nagô. Eu peço ao senhor de retomar em fon. Desculpe-me, a história é... Isso dá trabalho.

JV - *Djèto mi as*

*Agbon gon nu*

*Aku do gla gla*

*Sin ma han*

*Do Aguan mè*

(Minha tradução<sup>15</sup>)

Djèto (nome da casta da sociedade) vocês venderam

Morador de Agbogon (localidade)

Apesar da mais dura seca

Não falta água sobre as folhas de Aguan (é uma planta).

MG - Isso é em fom?

JV - Sim. Acrescentamos também em nagô: *Omon Ogodo. Omon Adjiba bata lesse*. E em se tratando de Vieyra “y” ou Vieira “i”, nós misturamos. Não são os mesmos.

MG - E o senhor têm em seu caderno, em casa, os dois?

JV - Sim.

MG - Vamos fazer um estudo comparativo.

JV - Para ver, pode ter uma reconciliação.

MG - Papa Joãozinho, vou fazer uma pergunta aqui, o senhor gosta da *bourian*?

JV - Sim.

---

<sup>15</sup> Aparentemente é a tradução feita pelo sr. Simplice, que transcreve as fitas k7 com as entrevistas para o pesquisador.

MG - O senhor brincou muito a *bourian*?

JV - Aqui em Abomé-Calavi fazemos sempre a *bourian*. Se há uma recepção de família, nós os convidamos.

MG - De onde eles vêm?

JV - Eles vêm de Cotonu.

MG - É o grupo de M. É o grupo de Uidá?

JV - É o grupo de Uidá.

MG - A Associação de *bourian* de Uidá.

JV - Sim.

MG - Com os D'Almeida?

JV - Sim. Tem vários grupos, ao nível de cada família. Tem a *bourian* dos D'Almeida, eu não sei se os De Souza fazem, tem em Uidá os Medeiros. Porque o grupo que veio dançar aqui, quando fizemos a comemoração do aniversário de nossos defuntos aqui, a *bourian* nós fizemos vir de Uidá. Ela veio de Uidá, é a *bourian* de Uidá mesmo.

MG - Alguma coisa mudou com o tempo, a *bourian*, sabemos que ela era feita por todo mundo. Agora, quando uma família precisa de *bourian*, um grupo é especializado em *bourian*. Mas quando o senhor era jovem, quando tinha vinte anos, quem fazia a *bourian*? Eram vocês mesmos, não?

JV - Eu não evolui dentro disso. Eu tinha dez anos e ouvia falar. Foi quando eu cresci que fui para Cotonou, Uidá, tudo isso, eu ia e voltava, Cotonu, Uidá, tudo isso aí, que eu vi pela primeira vez a *bourian*.

MG - Ele estava na família, assim?

JV - Sim.

MG - E a festa do Bonfim?

JV - Nós fazemos, sobretudo quando eu estava em Porto Novo. É bem dosado lá, hein! Uhu... É muito bom.

MG - É muito bom, comemos feijoada, cozido.

JV - Tudo, tudo.

MG - Vi uma antiga foto feita por um francês-brasileiro-baiano, que se chama Pierre Verger. Ele veio aqui.

JV - É um padre, não?

MG - Não, não é um padre, é um historiador, etnólogo, etc.

JV - Ele escreveu bastante sobre o *ouémé*, sobre o vodu, o orixá.

MG - Exatamente. Ele escreveu um livro “*Fluxo e refluxo do tráfico negreiro entre o golfo do Benim e a Bahia de Todos os Santos durante os séculos XVI e XVII*”. Então, lá ele fala de todos os movimentos. Mas eu vi uma foto dele em Porto Novo com pessoas que faziam a festa de Cosme e Damião.

JV - Ah, bom?

MG - Os santos-crianças que são gêmeos. Como o culto dos gêmeos dos iorubás. Aqui se festeja também Cosme e Damião, não?

JV - Sim, a festa dos gêmeos, isso existe.

MG - E quando é isso?

JV - É em Uidá que fazem isso.

MG - É hoje.

JV - A festa dos gêmeos?

MG - Não, o dia de São Cosme e Damião.

JV - Eles não seguem [o dia dos santos gêmeos], eles se deram uma data e fazem isso numa data determinada.

MG - Ouvi que é no mês de outubro.

JV - Ah, bom. O senhor vai para Uidá?

MG - Sim, sabe? Eles estão entronizando um novo Chachá, o Chachá VIII.

JV - Sim, fiquei sabendo.

MG - E o que o senhor acha disso? Uma boa ideia?

JV - Uma muito boa ideia. Eles convidaram quase todos os De Souza do outro lado, as pessoas de Lomé. Todos virão, eles vão confeccionar roupas sobre isso.

MG - Eles vão confeccionar tudo. Vai estar muito bonito lá.

JV - Sim.

MG - Existem Vieyras casados com De Souzas?

JV - Sim, sim, tem. A sobrinha do Léon mesmo, a sobrinha dele casou com um De Souza.

MG - Isso quer dizer, a filha de seu irmão.

JV - A filha de pai, a filha de seu tio.

MG - ???<sup>16</sup> Tem alguns lá.

JV - Ele casou com De Souza.

MG - Se foi Chachá que propôs à Martin e a Sebastiano de vir para Calavi fazer comércio, é claro que eles estavam juntos, porque Chacha era um homem de negócios, ele não dava presentes. Eles estavam juntos, é claro que as famílias fazem alianças, tudo isso. E depois da morte de Sebastiano, o senhor não quis retomar o comércio dele?

JV - Sim, mas hoje, agora é ???<sup>17</sup> para fazer comércio igual. Não tem mais... A população de hoje prefere se engajar em outras coisas. Na época, eles faziam, sobretudo, o comércio de... Eu ia dizer a troca. É a troca de mercadorias. Eles enviavam produtos africanos, ou seja, semente de palma, óleos, óleo de palma, assim, eles enviavam, e os europeus, em retorno, ao invés de lhes pagar em moedas, eles lhes enviavam gim, bebidas, produtos europeus que eles vendiam aqui, tabaco...

MG - Mas isso não é o comercio baiano, o comercio baiano não bebe gim. Eles enviavam cachaça, o álcool de cana de açúcar.

JV - Eu digo gim, digamos que é um exemplo. Mas é assim que eles faziam a troca.

MG - E num momento dado, isso muda para dinheiro.

JV - Sim.

MG - Porque pegam aqui, trazem 50 sacos de tabaco do Brasil e trocam por 200 barris de óleo de palma. O dinheiro entra e compram mais 50 sacos de tabaco. E deixam o lucro no bolso de Chachá e de Vieyra, vossos ancestrais. É por isso que eles têm essa casa, que construíram um palácio assim.

JV - Sim, é o benefício.

MG - E o senhor trabalhou, Papa?

JV - Oh, eu trabalhei num serviço de saúde em Porto Novo.

MG - O senhor viveu muito tempo em Porto Novo?

JV - Fiquei muito tempo. Eu deixei aqui em 25, 23, 24, 25. Primeiro dois anos em Cotonu??<sup>18</sup>

MG - Então, o senhor ficou lá uns cinquenta anos.

JV - Sim.

---

<sup>16</sup> Dúvidas do transcritor.

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> Idem.

MG - E o senhor tem quantos filhos, Papa?

JV - Tenho oito filhos. Quatro meninas e quatro meninos.

MG - Todo mundo fala nagô?

JV - Sim, mas o senhor sabe? A mãe deles fala a língua dela e é a língua da mãe que as crianças falam.

MG - É sempre nagô. O senhor não tem uma mulher fom?

JV - Sim, justamente isso. As crianças falam fom.

MG - O senhor fala gom?

JV - Não.

MG - Fom.

JV - O fom.

MG - Então eles não falam nagô?

JV - Eles falam o nagô, mas um pouco.

MG - O senhor fala que línguas? O senhor fala francês muito bem, o senhor fala fom, ainda melhor, o senhor fala nagô ainda melhor do que fom. A gente para aqui?

JV - Mina.

MG - O senhor fala o mina também?

JV - É só a língua do Norte que eu não conheço, porque nunca estive lá.

MG - E você, Alfred? Você fala que língua?

AV - Fom, francês.

MG - Nagô também?

AV - Nagô eu não falo, mas quando outros falam eu compreendo. São as expressões que faltam.

MG - Então, a língua de troca que os Vieyra falam é o francês?

JV - A língua que todos os Vieyra falam quando eles se encontram é o nagô.

MG - É o nagô.

JV - É muito mais o nagô do que o fom.

MG - Então, em uma reunião de família, vamos dizer, para discutir os negócios de família em nagô.

JVou AV - Em nagô e em fom.

JV ou AV - Mas todo mundo compreende o fom e a maioria fala nagô.

MG - Então, em um negócio de família, você escuta em nagô e retoma em fom. E as pessoas escutam em fom e falam em nagô. E então, de tempos em tempos, tem palavras como “securité sociale”, “chômage”<sup>19</sup>...

JV - Francês.

MG - Eu entendo, as pessoas remendam. Mas, Papa, estou muito contente de ter conhecido o senhor, ???<sup>20</sup> com o senhor aqui temos ??<sup>21</sup> ainda rir.

JV - Eu também estou contente de ver o senhor. Até aqui, ah! É forte.

MG - Mas eu estou cada vez mais em contato com o Alfred.

JV - Ah, bom, sim.

MG - Então, se o senhor se lembrar de historias de família, o senhor conta ao Alfred ???<sup>22</sup> Eu venho com meu gravador aqui e vamos gravar essa história, porque depois, vamos perder isso, Papa. O senhor sabe, o senhor está aqui desde 1917. Se o senhor não conta a história, como podemos saber? Eu nasci anteontem.

JV - Ah, anteontem!

MG - Anteontem já faz meio século.

JV - É que quando conhecemos alguma coisa é porque ficamos do lado dos nossos pais. Aqueles que são mais velhos que nós que têm tal coisa, tal outra coisa. Tal ano a tal ano. Eles deixaram Uidá para vir para cá, são eles mesmos que falam disso, pouco a pouco. Quando eles falam, fazemos um pouco de coisas, quê, um pouco de curiosidade para saber o que eles dizem.

MG - É como a história que o senhor contou de Sebastiano, que ele, sua primeira esposa, ela era muito jovem, ela tinha cerca de entre 5 e 10 anos, então lhe deram como esposa. Ela fez o casamento, ele esperou depois que ele tinha já uma segunda esposa e um filho, Martin, e depois era Jean, o primeiro, depois ele teve um filho de sua primeira esposa. Isso é interessante, sobretudo porque isso demonstra que ele era alguém que tinha poder na época. É por isso que lhe deram uma mulher, para fazer aliança. E essa mulher aí, ela veio de que família? A pequena lá?

JV - A pequena. A segunda ou a primeira?

---

<sup>19</sup> As palavras “assistência social” e “desemprego” foram mantidas em francês pois trata-se de uma das três línguas mais faladas na família Vieyra.

<sup>20</sup> Dúvidas da transcrição.

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> Idem.



MG - A primeira, a pequena.

JV - Ah, sim, a mãe de Jean.

MG - Não, não a mãe de Jean, a mãe de Jean não é a primeira. A mãe de Jean é a segunda, porque quando ele era jovem, lhe deram uma menina de 5 anos para ser a primeira filha<sup>23</sup>.

JV - Ah, eu tenho o nome de sua mãe.

MG - Quando ela nasceu?

JV - Eu não tenho isso de cor.

MG - Ela também é agudá?

JV - Não, ela deve ser da região Tori, todas as pessoas lá, para comprar, elas vêm de lá para cá. Foi meu pai que abriu a butique lá, para vender.

MG - Inclusive espelhos, tesouras, fios, falam da cachaça e do ???<sup>24</sup>. Ele vendia facas? E Sebastiano também?

JV - Também não sabemos.

MG - Mas quem era ele? Porque o maior negócio era o tabaco e a cachaça. Mas tinha também o pequeno comércio de facas, espelhos...

JV - Pode ser. Nas pesquisas do senhor, o senhor já encontrou os De Souza?

MG - Sim.

JV - O senhor perguntou a relação deles com a família Vieyra?

MG - Ainda não.

JV - É preciso perguntar a relação deles com a família Vieyra. Porque os De Souza deviam ter alguma coisa aqui.

MG - Vou perguntar lá.

JV - E depois, eu, eu vou me informar sobre os louvores.

MG - No livro do senhor lá, se é possível, eu gostaria bem de ter uma fotocópia disso aí.

JV - Sem problemas.

MG - Eu vou mandar para um grande estudioso beninense que está nos Estados Unidos, que se chama Yayi Yolabi. É um professor beninense que é ao mesmo tempo linguista e professor de iorubá, que conhece muitas histórias. Então, vou pegar o caderno do

---

<sup>23</sup> Parece haver um engano aqui, a palavra correta seria mulher e não filha.

<sup>24</sup> Dúvida da transcrição.

senhor, aí eu vou transcrevê-lo, eu vou mandar para ele e lhe dizer: bom, diga-me, o que é que é isso, quê. Eu vou dizer esse louvor aqui, não é o mesmo modo de fazer o louvor, ele pode dizer a época, a região, que iorubá fez isso. Vamos fazer pesquisas em cima disso. Mas eu, eu não perguntei ainda às pessoas da família Souza sobre a família Vieyra. Eu vou me informar, vou perguntar. É verdade que na família Souza, as coisas mudam muito. Porque tem toda essa história de Chachá.

JV - O primeiro, as pessoas que o nomearam.

MG - E o senhor sabe o que é interessante? É que o Chachá VIII vem do ramo do Chachá IV.

JV - Hein?

MG - Era o Chachá Julião. De fato, o senhor vem de que ramo?

JV - Ramo Justino.

MG - Acho que o senhor já me disse. E então, o Chachá VIII , Honoré, ele vem do ramo do Chachá IV.

JV - Tem o Chachá I.

MG - Tem o Chachá I, que era Dom Francisco Félix de Souza, o homem aí, é ele que começou tudo. Ele veio do Brasil. E o 2º é seu filho, seu filho mais velho, Isidore. E tinha o Chachá III, que salvo erro, era Chicou. Depois, teve o Chachá IV. Teve uma confusão aí, tem Chachás que morreram, outros que não deram certo, e teve Julião, Chachá IV, e Julião foi executado pelo rei de Abomé, Behanzan. Depois desse aí, não teve ramo Julião, é interessante. Porque não teve Chachá e aquele que vai retomar é do ramo Julião. O senhor sabe essa história, não?

JV - Não.

MG - Eu não conhecia também. Eu fiz perguntas e fiquei sabendo disso aí.

JV - Então é desse ramo que eles imaginaram para dizer que vão eleger um representante da família De Souza.

MG - Mas, de certa maneira, a família Vieyra teve um papel ???<sup>25</sup> A família Vieyra era de grandes comerciantes daqui, o homem do país, quê.

JV - Eles eram grandes comerciantes aqui, eles têm até a estrada lá, que passa atrás do asfalto, que vai até a lagoa. Então, foram os Vieyra que traçaram essa via, isso lhes permitia de... Era uma via de acesso para transportar as mercadorias que passavam pela água para ir sobre o lago de Cotonu afim de embarcar ???<sup>26</sup> Eram os grandes comerciantes do lugar.

---

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> Idem.

MG - E Calavi era uma cidade dos reis do Abomé.

JV - Sim.

MG - Era uma cidade fortificada.

JV - É uma cidade que é habitada pelas populações Aizo. Digamos que a cidade mesmo foi fundada por Sossou Djaka. Então, é uma colônia de povos vindos de Adja, região de *mono*. Eles vieram aqui, eles que fundaram o reino de Calavi.

MG - E o reino era aqui. Ele foi conquistado por quem? Por Behanzan? Adandozan?

JV - Eu não sei que rei a conquistou. Mas é um rei de Abomé. Não é Behanzan?

MG - Não, no tempo de Guêzo, isso já estava feito. Eu acho que é Adandozan que conquistou isso. Mas tenho um livro na minha casa que acabo de comprar, que fala do povo do Benim. Está escrito lá o nome do rei que fundou o povoado aqui.

JV- Fofó, Sossou Djaka. ???<sup>27</sup> Os negativos aí, com os louvores também, com tudo isso.

MG - Oh, lá, lá! Está avançando a pesquisa, Papa, está avançando. Um dia vamos conhecer toda a história dos Vieyra. Quais são as famílias agudás com as quais os Vieyra têm alianças mais fortes? De casamento, tudo isso.

JV - Ah, é, sobretudo, os agudás. Com os De Souza, D'Oliveira, Santos, D' Almeida.

MG - Tem muitos casamentos assim?

JV - Tem, mas não muitos.

MG - Antes tinha mais?

JV - Antigamente... Vocês têm os Da Silva lá?

MG - Sim, muitos mesmo.

JV - Antigamente, eu não sei. Mas eu sabia que eles buscavam casar entre eles, os agudás.

MG - Tem uma anedota que me contaram que diz que quando alguém pede para se casar com uma menina agudá, o pai da menina pergunta ao jovem noivo: “Você como manteiga? Porque alguém que não come manteiga não tem boa educação? Você usa garfos para comer?”

JV - Nós também escutamos isso. É para nos gozar.

MG - O senhor ouviu falar, enfim.

---

<sup>27</sup> Idem.

JV - Eles diziam: “Ah, se você quer casar com a filha de um agudá, como você come? Você come boas coisas, ou bem você come com a mão?”. É preciso ser de uma categoria social. É preciso comer com garfos, colheres. “A mulher que você vai casar vai cozinhar alguma coisa? Você conhece feijoada?”.

MG - Eu conheço, conheço muito bem.

JV - Eles fazem perguntas, por causa disso é difícil se casar com sua filha.

MG - ???<sup>28</sup> O feijão branco aí, com o qual se faz bolinhos Akla, em gom, Ata, em fom.

JV - Akara, em nagô. Ata é fom. Tem Ata, é fom. Akara, é nagô.

MG - E em gom, como se diz?

JV - É mais ou menos a mesma coisa.

MG - E o senhor sabe como se diz? Em nagô dizem Akara. Nós dizemos acarajé. São os mesmos que fazem na Bahia.

JV - Ah, bom?

MG - Nas ruas da Bahia isso se come em toda parte, é o que mais se come.

JV - É isso.

MG - E o senhor sabe como faziam isso?

JV - Não.

MG - Tem uma pequena dama que chega com um banquinho, ela coloca os bolinhos lá, sua saia com um pano na cabeça, ela coloca o pequeno barril com o carvão, ela coloca óleo, ela fritava isso, ela abre, ela coloca pimenta dentro e ela dá isso, não chamamos isso acarajé. Fazem isso na Bahia, nos dias de hoje. Se o senhor for à Bahia, vai comer ao mesmo tempo Akara e acarajé.

JV - É isso.

MG - Como se fala garfo, em fom?

JV - *Gafu*.

MG - E em nagô?

JV - É sempre *gafu*.

MG - E o senhor sabe como se diz em brasileiro? Garfo. E como você dizem *lit*<sup>29</sup>? Para dormir?

---

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> *Lit*, em francês, significa cama.

JV - A cama.

MG - E em brasileiro, a cama.

JV - Ah, bom?

MG - Se eu digo para o senhor assim: Bom dia, como passou? O senhor entende?

JV - Ah, sim, bom dia, como vai. Quando nos encontramos sabemos que, está aí, é um agudá. Esse aqui é um agudá. Nossa primeira saudação para se lembrar, dizemos: Bom dia, como passou?<sup>30</sup> Obrigado. Falamos isso aqui.

MG - Vocês falam isso. É bom. Se vocês encontram um pai Da Silva, um velho amigo Paraíso, que vocês conhecem e encontram na rua. O senhor encontra com ele e a primeira coisa que diz é: Bom dia, como passou?

JV - Sim, lá sim.

MG - Sim. Isso não me surpreende. Porque falamos isso sempre. Não me surpreende que vocês falem isso aqui.

JV - Sim, falamos isso aqui.

MG - E os pequenos, eles falam também?

JV - Ah, eles, eles dizem que eles não entendem essa língua. Eu digo: Ah, tu deves compreender, porque eu falo isso aqui do teu lado, tu tens que saber um pouco. ???<sup>31</sup>

MG - Sim, para conhecer os pratos, os ???<sup>32</sup>, a feijoada, tudo isso. É muito interessante. E eu, eu tenho uma relação de palavras que são parecidas, que são palavras portuguesas que foram incorporadas à língua, uma dessas palavras é uma palavra para falar do luto<sup>33</sup>, de quando temos uma tristeza, alguém morre. Como vocês falam isso? Vocês falam luto, não? Em fom.

JV - Quer dizer, quando alguém morre, estamos tristes e essa tristeza aí, nós a manifestamos pelas roupas, isso entra no quadro das cerimônias, usamos roupas escuras, não roupas de cores vivas, alegres. Para marcar a tristeza, dizemos que estamos de *lutu*. Usamos isso por um período dado. Podemos usar durante um período de três meses, quatro meses, depende da família.

MG - Dizemos que estamos em luto. Dizem isso em fom.

JV - Sim.

MG - E dizem em francês também?

---

<sup>30</sup> Bom dia, como passou? Obrigado. – está em português no manuscrito.

<sup>31</sup> Dúvidas da transcrição.

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> No manuscrito, em francês, *deuil*.

JV - Em francês são roupas de *deuil*.

MG - Roupas de *deuil*.

JV - Mas em fon dizemos *lutu*.

MG - Esse costume de usar roupas escuras é um costume português, europeu em geral. Sobretudo o português que passou no Brasil e que chama luto. Vocês dizem “estamos em luto”.

JV - Eu digo “*e usto do luto*”, que quer dizer que estou em luto.

MG - São as mesmas palavras. E, entretanto, tem uma coisa que eu não me interessei, as cerimônias fúnebres. Quer dizer, o que se faz como cerimônia fúnebre? Na família Vieyra cortam também pedaços de unha e do cabelo?

JV - Não, isso não se faz.

MG - Tem certeza? Não é uma coisa de agudá?

JV - Não.

MG - Recusa-se. Mesmo se estamos casados com pessoas fom, gom, iorubá, não fazemos. Se o homem é agudá não se corta<sup>34</sup>.

JV - Não cortamos mesmo se é a mulher, isso não se faz.

MG - Mas, em compensação, têm famílias que têm um nome católico e um muçulmano. Eu estava surpreso de ver que em todas as famílias muçulmanas Agudá tem sempre um nome católico. É como o concílio brasileiro – Camille ???<sup>35</sup> da Silva. E eu sei também que Leon Vieyra tem um nome muçulmano. Então, têm católicos e muçulmanos na família Vieyra. E sempre se dá um nome muçulmano em lembrança de um ancestral muçulmano que não era Sabino. Quem era?

JV - Que era um descendente de Sabino.

MG - Um descendente ou um ascendente?

JV - Um descendente.

MG - O senhor não sabe quem?

JV - No nosso círculo, nós fazemos em homenagem à Mariana.

MG - Ah, Mariana.

JV - Mariana, Iaiá, porque no início, ela era católica, mas ela se converteu ao Islã.

---

<sup>34</sup> No manuscrito está escrito “écoute”, ou seja, escuta, mas é evidente que trata-se de “coupe”, ou corta.

<sup>35</sup> Dúvidas da transcrição.

MG - A mãe dela era iorubá?

JV - Sim.

MG - E os iorubás eram islâmicos. E o tempo passa rápido. Eu quero que o senhor conte uma pequena anedota. Os últimos escravos que vieram ao Brasil, eram nagôs, iorubás, gente de lá. E eles chegaram já islamizados, o Islã tinha chegado ao reino de Oyo, eles se encontraram no Brasil, o Brasil era católico.

FIM